

Alienação e separação nas toxicomanias: o outro não existe

Alba Riva Brito de Almeida ¹

Através da linguagem, recolhemos os mecanismos que refletem na subjetividade do homem. Esta condição inaugural está alicerçada pela anterioridade lógica do sujeito (ele primeiro é falado) e está calcada na relação do sujeito ao Outro. O Outro é o lugar do entendimento possível, na sua posição de terceiro; ponto de ancoragem significativa que permite situar o real.

Com relação à existência de um momento inicial de instalação do Outro, Lacan alerta para o fato de que

[...] o que eu poderia chamar de momento simbólico primordial é totalmente inexistente. O momento da demanda satisfeita é representado pela simultaneidade da intenção, na medida em que ela se manifesta como mensagem como tal do Outro. O significante – é dele que se trata, uma vez que essa cadeia é a cadeia significativa – chega ao Outro. Se esse momento, que chamo de momento primordial existe, ele deve ser constituído pela simultaneidade, pela coextensividade exata do desejo, na medida em que ele se manifesta, e do significante, na medida em que ele o porta e o comporta. Se esse momento existe, a seqüência, ou seja, o que sucede à mensagem, à sua passagem para o Outro, é ao mesmo tempo realizado no Outro e no sujeito, e corresponde ao que é necessário para que haja satisfação. Esse é, muito precisamente, o ponto de partida que convém para vocês compreenderem que isso nunca acontece (LACAN, 1958).

Partindo das afirmações acima, poderíamos questionar em que medida o jogo pulsional de desdobramento dos objetos, nas toxicomanias, encontra nos seus fundamentos uma vã tentativa de formalizar uma unidade com o

Outro, na forma do necessário relançamento do objeto. Isto coincide com a ortodoxia da prevalência da face objeto, na fixidez do imperativo da satisfação e da perene renovação deste excesso, não se privando desta satisfação, mesmo às custas da perda da contrapartida sujeito.

Lacan acrescenta que a noção do laço irreduzível com o Outro aponta para o UM da relação sexual, relação que abole a diferença entre os sexos.

A chamada união dos corpos é impossível porque o Outro, aquele a quem falta o gozo, tem o corpo mutilado. Também é no ato sexual que o sujeito está perfeitamente alienado, pois acredita ser o falo que faz a unidade ideal, mas o prazer só é obtido quando o objeto cai, um efeito do corte significante. O campo deste UM ideal se opõe ao campo do Outro (LACAN, 1973).

O toxicômano faz UM com a droga – na aparência de objeto total – no ponto em que todas as promessas de fazer UM com o Outro se asseveram impossíveis (o impossível da relação sexual – desespero do ser humano – posto que é impossível enunciar este UM). O toxicômano não toma a droga como condição de gozo sexual. Ela é aquilo que evita a relação sexual, evita a incidência da castração.

A noção de alienação primordial do sujeito está cernida no contexto da formulação lacaniana do binômio alienação-separação (LACAN, 1958). Este binômio está estritamente situado na constituição do sujeito, cujo advento gira em torno da relação com o Outro. A droga revela um “defeito” na constituição do Outro, no sentido de um modo de endereçamento problemático quanto ao objeto causa.

É, portanto, do Outro que o sujeito recebe sua mensagem, no sentido de que o desenrolar da fala vai assinalar, inicialmente, o lugar do desejo do Outro e, portanto, da falta do Outro, posto que é condição da incidência do desejo que o Outro seja barrado, quer dizer, que o sujeito encontre um furo, lá onde a significação supostamente encontraria um produto acabado.

A noção de absoluto, de totalidade na relação do sujeito com o Outro é uma utopia, exatamente pelo caráter insensato e dissimétrico da cadeia de significantes, cuja tônica é a definição do significante como aquilo que representa para e que em si mesmo não significa nada. A estrutura do significante reside em ser arti-

culado, não estando colado ao significado; que o significante não responda pela sua existência por nenhum tipo de significação leva à consideração de que o sentido só se produz no não-sentido, na metaforização do desejo do Outro.

Apesar da premissa de que ambos, sujeito e Outro, desejam e de que “o desejo do homem é o desejo do Outro”, os mesmos não se fusionam, nem se reduzem a um único ponto possível da verdade. A alienação ao campo do Outro já institui, de saída, a condição da existência como amputada, marcada por uma hiância, essencial ao fato de que a escolha é sempre fundada na ausência de um sentido recíproco da estrutura da relação do sujeito ao Outro. É por causa da destituição da presença como configuração integral do ser que a noção de falta torna-se premente, erigindo-se no cerne da alienação.

A designação de sujeito alienado ao campo do Outro adquire seu testemunho no fato de que o significante é produzido no Outro e pela circunstância da captura do pequeno ser falante como condição inexorável do seu estado de desamparo originário. O ser no mundo conta com a contingência de poder ser apanhado numa rede, numa história, num lugar indeterminado e de que, para ele, a sua condição de ser está submetido ao sentido no campo do Outro. Esta condição de submissão ao Outro define a aporia da escolha, em que ser e sentido se entrelaçam, marcando que qualquer que seja a escolha, esta sempre será decapitada de alguma parte. Em relação ao ser do sujeito, se a escolha recai sobre o ser, o sujeito desaparece, precipitando no não-sentido; se escolhemos o sentido, também desaparece do campo do Outro o lugar do não-sentido, ou seja, o inconsciente. (LACAN, 1958).

Tomemos, então, a formulação de Lacan sobre a alienação, onde ele a propõe como “a forma de uma escolha forçada onde se imagina chegar a uma alternativa que se solda por uma falta essencial, [...] esta forma eu a retomei a propósito da alternativa onde eu trabalho o cogito cartesiano e que é aquele ; “eu não penso” ou “eu não sou”. (LACAN, 1966).

Neste seminário, A lógica do fantasma, Lacan vincula o “eu não penso” ao isso e o “eu não sou” ao inconsciente. A transformação do cogito cartesiano, “Penso, logo sou” em “Ou eu não penso ou eu não sou” introduz uma subversão conceitual, onde o “penso” e o

“sou” perdem a sua autonomia para o sujeito pensante (o sujeito não é e não pensa), demarcando, assim, as relações entre o objeto a, em sua dimensão de gozo, e o ser. Por outro lado, assinala o lugar do falo e da castração (-ϕ) como articulado ao pensar.

A originalidade destacada nesta modificação aponta para a concepção de que o sujeito é primeiro pensado (não é um ser consciente), antes de ser um pensador. Este franqueamento do cogito seria correlato à interpolação da perda sobre a condição da introdução da barra da castração sobre o saber absoluto, divinizado do Outro, na condição de ser objeto de gozo do Outro.

Dir-se-ia, então, que a presença do objeto talhado supostamente para ser gozado pelo Outro corrobora a certeza do ser, expulsando o tempo da certeza da dúvida, esta que instala o pensamento racional na cicatriz da perda. Da angústia, o sujeito retira a sua certeza e ela é o sinal no Eu, “é o único afeto que não engana” (LACAN, 1962-63), sustentando, portanto, que estamos diante do objeto a, ou da certeza da nossa não certeza subjetiva.

A radicalidade da dúvida permite a vacilação da posição de objeto, na proporção da emergência de crenças e ficções acerca da verdade. Se estas fundamentam o possível (dentro da experiência analítica), quanto à assunção de alguma verdade do sujeito, aí então empreenderemos a colocação em cena do que se trata do sujeito: que é esvaziado de qualidades (estas que através do objeto se fazem representar) e que serve para demarcar os pontos de equivocidade e de dúvida, dentro da estrutura de linguagem.

Lembremos que a nomeação “Sou um toxicômano” evoca a articulação do sujeito ao Outro no ponto da constituição do lugar deste sujeito no Outro, por sua marca com relação ao objeto e ao gozo.

Mas a que certeza o toxicômano se mantém aprisionado?

O Outro do toxicômano assegura o lugar do significante-mestre moldado pela lógica do gozo e da relação específica com o objeto-coisa do gozo. O verdadeiro toxicômano é aquele que está assujeitado ao gozo do Outro, é adequado e obediente ao comando do Outro, no sentido de que o Outro lhe faz de coisa para gozar. Sustenta um discurso obliterado, coagulado na nomeação “Sou um toxicômano”, identidade própria que o ancora na versão imaginária que compõe

seu discurso, obviamente sem denotar o sujeito da enunciação.

Fica evidente, portanto, que o lugar assegurado pelo Outro configura a apresentação do toxicômano como escravo de um amo que lhe convoca a gozar cada vez mais, expondo cada um a face do consumo e da circulação dos objetos. Cuidemos, contudo, de precisar a posição deste Outro que convoca a gozar, visto que é como falta de gozo que o Outro se configura, na medida em que convoca ao mais-de-gozar pela suposição da satisfação insistentemente renovada e promovida pelo objeto.

O Outro que concerne ao toxicômano ratifica menos a generalidade culturalista do consumo de drogas na atualidade do que presentifica a amplificação de uma consistência baseada no todo, no não barrado, contingência alienante que impulsiona o sujeito do “eu não penso”, até o isso como instauração do ser do eu. As toxico-manias se inscrevem como exceção no campo do Outro que não existe, no nível do S2 e do a.

A fratura imposta ao ser pelo limite ao gozo articula-se com o pensar, desvelando o surgimento do ponto de gozo por sua relação com a verdade. Neste contexto, o fantasma comparece como representando a borda entre o sujeito e o Outro. O que importa no fantasma é a sua função de resposta que o sujeito dá à falta de gozo do Outro. A verdade do gozo é a questão que o sexo coloca, questão indecível, se o sujeito permanece se nomeando pela consistência do gozo do objeto. A plenitude do ser, neste momento, coincide com a consistência do Outro expurgando, como dissemos antes, o tempo da dúvida que é responsável pela emergência do sujeito do inconsciente (“eu não sou”). O “não sou” afeta o eu, abrindo o vazio onde o sujeito vai se alojar.

Lacan complementa que “[...] não há nenhuma maneira de fazer funcionar a relação do je enquanto que ser-no-mundo, que passar-se disso para essa escritura gramatical que não é nenhuma outra coisa mais que a essência do isso. O je, como tal, está excluído do fantasma (LACAN, 1966). Mais adiante pontua que

[...] a legitimidade do fantasma se sustenta do lugar do Outro que não pode precisamente articular-se mais que de um ‘então não sou (LACAN, 1967) (nível do isso e do inconsciente) [...] Isso é tudo aquilo que no discurso, enquanto que estrutura lógica, é não-eu, é resto da estrutura gramatical, é o suporte do que está na pulsão. O suporte do que está em jogo na pulsão é o fantasma (LACAN, 1966).

Agora vejamos: se a lógica do fantasma implica uma construção e uma escritura, como escrever o fantasma de um toxicômano? $S=a$ ou $S+a$: o objeto adequado ao Outro esconde o acesso ao sujeito; o sujeito aí se eclipsa. Por conseguinte, o toxicômano adquire con- sistência de ser no seu fantasma.

O endereçamento de uma pergunta cavada nos intervalos do dis- curso do Outro (“Que é que ele quer?”) coincide com a introdução, pela linguagem, de uma falta que é falta de ser, engendrando o de- sejo que desliza na metonímia daquilo que não fecha, não se pode presentificar. O desejo se engendra numa relação particular, não com o mundo, mas com a falta, processo essencialmente inconsci- ente, que culmina por efetivar a separação, operação que está fun- dada na pergunta que remete à castração do Outro.

O desejo provém do Outro na medida em que o sujeito se reco- nhece castrado realizando, em decorrência dessa conclusão, a sig- nificação do seu lugar no Outro da linguagem. Assim, a operação de corte ou de separação incide sobre as faltas do discurso, colocando em prova o enigma do desejo do Outro e a retorção da pergunta sobre o sujeito, que agora comparece portando uma pergunta sobre o seu desaparecimento: “Pode o Outro me perder?” (LACAN, 1968).

De que se trata quando destacamos a concepção acerca do Outro do sujeito? “O Outro não é mais que a tela do sujeito, ou seja, sua topologia, pela qual o sujeito introduz uma subversão, com relação ao que ele se tem enunciado até então” (LACAN, 1968). Esta sub- versão do sujeito quanto ao saber se desprende da concepção de totalização do Outro, da possibilidade de haver uma interrogação do sujeito que o subtraia da tradição, seja ela a natureza, a cosmologia, a ontologia metafísica, ou mesmo a cultura, na sua acepção mais tradicional e científica. Consideramos que a subversão da tradição introduz o equívoco como efeito desta interpelação ao Outro, quer dizer, a certeza de que não se está cativo de algo. Isto se prende à conclusão de que o Outro é apenas um semblante e mesmo “o gozo só se interpela, só se evoca, só se elabora a partir de um semblante, de uma aparência” (LACAN, 1975). O discurso analítico é um dis- curso do semblante, é um corte anterior: não há verdade inconsciente, o que permite relançar a questão do real.

Vale ressaltar que o ponto de intersecção do lugar do sujeito na estrutura é um furo, um espaço aberto no jogo de oposições significantes que ordenam o desejo. Pode-se daí depreender que as relações do sujeito com a linguagem estão balizadas por uma ancestral desarmonia, visto que o desejo é forjado no cerne destas relações, mas não se confunde com as realidades discursivas prévias. Focalizar o desejo é admitir a participação do sujeito na dimensão simbólica da sua existência, concebendo-a numa relação de extimidade com o Outro, o que justifica a existência de uma realidade psíquica singular, responsável pela ordenação de gozo veiculado pelo objeto no caso a caso.

Uma falta recobre a outra. Daí, a dialética dos objetos do desejo, no que ela faz a junção do desejo com o desejo do Outro[...] É uma falta engendrada pelo tempo precedente que serve para responder à falta suscitada pelo tempo seguinte. (LACAN, 1975).

A castração opera na separação entre o sujeito e o Outro, abrindo a fenda essencial que a torna suporte do desejo. O que nos parece problemático é a constatação de uma aporia fundamental da posição do toxicômano, quanto à constituição do Outro, na medida em que aquele elege a droga como parceiro, no curto-circuito da sua própria constituição. Podemos aventar a hipótese de que a fenda em questão é completada pelo mais-de-gozar, no limite da possibilidade de uma simbolização.

O sujeito se aloja na estrutura de linguagem, o que implica afirmar que o lugar poderá ser em seguida desalojado, aberto, tornado vazio pelo jogo signifiante, expondo a vacuidade intrínseca à impossibilidade de estabelecer uma relação unívoca, de enclausuramento na face objeto, a qual se expõe a cada tentativa de preenchimento do lugar vazio. O sujeito é propriedade inerente à cadeia e, por suas características de mobilidade e ausência de determinação, é representado pelo signifiante, não se superpondo, nem estando subsumido a este. O esvaziamento do sujeito se corporifica na metonímia do seu ser, o que não implica em desordem, mas na delimitação de bordas cernindo uma falta singular.

É pelo viés do reconhecimento de um sujeito no mais alguém do ato repetitivo de drogar-se que fazemos a nossa aposta psicanalítica.

O percurso do sujeito, numa articulação significante, não ocorre senão destituindo-se dos atributos que supostamente o anexaria ao objeto, no intento de fornecer garantias de saber sobre a verdade do gozo do Outro que, conforme concluímos, serve à preservação de um gozo que não serve para nada.

O relançar contínuo do sujeito, sempre operando em direção de uma nova sucessão no discurso, de uma nova palavra a advir, culmina por reduzi-lo ao operador fundamental na apreciação das singularidades que marcam lugares distintivos (delimitados pela lei da diferença). O significante requer a causa do gozo, no sentido da promoção da separação entre o sujeito e o Outro.

Lacan nos ensina que

[...] o ser falante é apenas falta de ser que o significante instaura. A consistência, esse pouco de realidade, é trazido pelo outro elemento do fantasma: a. O estatuto real de a desvela a borda topológica que sustenta o campo da realidade. Essa borda é efeito do corte realizado sobre o plano projetivo, que desprende uma superfície unilátera de uma única borda: a banda de Moebius. O rombo “topo-lógico” representa a borda funcionante entre o sujeito e o Outro, articulação que instaura o fantasma e a realidade. Alienação-Separação são operações ininterruptas do ser falante, que determinam o sujeito a partir do Outro e o objeto na intersecção da falta entre o UM e o Outro”. (LACAN, 1993).

Na separação, o pai real tem que estar presente para favorecer a passagem para o falo simbólico. A falta da separação só acontece com o respaldo de duas faltas: falta de significante referida ao discurso (castração): $-\varnothing$ e falta primordial: a. Ambas se referindo ao desejo. Se é verdadeiro o que vimos articulando até aqui acerca das

toxicomanias, é provável que elas estejam operando mais do lado do objeto a como contingência. A ética do Outro inexistente abre o lugar da exceção (que corresponde ao não-todo fálico), assinalando a posição do objeto a na dimensão de mais-de-gozar, dimensão real da pluralidade de gozos que aponta para a debilidade das identificações na contemporaneidade. O objeto a – que não é um significante

– passa a desempenhar o papel de significante-mestre, não perdido de vista o sujeito que, apesar de oferecer-se como objeto de gozo, na sua vacuidade, termina por fechar-se numa determinação

quanto ao dever de gozar – GOZA! superegóico – não mais correlativo aos termos que faziam o Outro existir (dever, renúncia, obrigação freudianos), mas à colocação em cena de um sujeito fixado a uma ancoragem particular de gozo.

No seminário O Averso da psicanálise, Lacan explicita o conceito de discurso como laço social, implicando um agente que se dirige ao outro; as formas de gozo que conduzem o sujeito a encontrar-se com o outro ratifica uma perda de gozo. Falar significa perda de gozo e implica o desejo. Situar-se no desejo também implica situar-se na perspectiva do laço com o outro. A alienação do sujeito ao campo do Outro define as modalidades de gozo sustentadas nas alínguas, as quais, na contemporaneidade, irradiam a diversidade de estabelecimento dos laços sociais.

Interessa-nos a delimitação da posição do sujeito, nesta configuração dos laços sociais, em virtude de preconizarmos as toxicomanias como uma destas modalidades de gozo que culminam por prescrever as identificações modeladas pelo parceiro-sintoma, a droga. As denominadas comunidades de gozo – tão afeitas à civilização atual – atestam o corte com a tradição e com o universal, mas correm o risco de fazer o sujeito se representar apenas pelo sintoma (sintoma social, não sintoma como retorno do recalcado), como se o sintoma constituísse o ser do sujeito. Aqui se aplica a fórmula lacaniana do pára de não se escrever, referida à contingência como “encontro no parceiro, dos sintomas, de tudo que em cada um marca o traço do seu exílio da relação sexual” (LACAN, 1975). A utopia do casamento perfeito com a droga, do encontro com a incontestável felicidade que ela proporcionaria, desloca a negação da contingência (que é da ordem do acaso, da fortuna) para a necessidade, ou seja, o não pára de se escrever que, segundo Lacan, coincide com o drama do amor. Quanto à retomada do saber inconsciente, Lacan conclui: “Não pode acontecer que o sujeito não deseje não saber demais sobre o que é desse encontro eminentemente contingente com o outro. Também, do outro, talvez ele vá ao ser que ali se toma. O ser, como tal, é o amor que chega a abordá-lo no encontro”. (LACAN, 1975).

As toxicomanias apresentam esta indumentária de representação no social, mas trazem à baila a produção da alíngua, engendrada

na produção pulsional que subjaz à alienação ao Outro. “O inconsciente é um saber, saber-fazer com alíngua” (LACAN, 1975) e, acrescentaríamos, saber é alíngua em função. “É porque há o inconsciente, isto é, alíngua, que é por coabitação com ela que se define um ser chamado falante” (LACAN, 1975). O toxicômano constitui alíngua na insistência repetitiva do gozo, estando esta, contudo, obliterada pela maciça do objeto-droga. O labirinto do saber poderá ser apreendido no saber-fazer com isso, tarefa laborativa de instituição de um Outro pelo reconhecimento dos traços enigmáticos diante dos quais o toxicômano se furtava, na aderência à droga.

A aporia desta dupla definição da alíngua, como sustentáculo de determinado laço social e como especificidade do funcionamento inconsciente, nos atesta, todavia, que a clínica do desligamento não caminha destacada da clínica da pulsão, mesmo que de maneira coartada, como nas toxicomanias.

O momento inaugural de descensão da condição de submissão absoluta ao gozo como Outro implica no rompimento desta comunhão de gozos, instituindo, pela separação, um Outro lugar, em que alíngua não se precipite na estagnação dos laços.

Notas

¹ Psicanalista. Centro de Estudos e Terapia do Abuso de Drogas – CETAD/UFBA. Mestre em Teoria Psicanalítica pela UFRJ.

Referências

LACAN, J. As formações do inconsciente – O seminário – livro 5. Jorge Zahar, 1958. p.154.

_____. *L'Éturdit*. In: Scilicet n.4. Seuil, 1973.

_____. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise – O seminário – livro 11. Jorge Zahar, 1973.

_____. A lógica do fantasma – O seminário – livro 14, 1966.

_____. A angústia – O seminário – livro 10, 1962.

_____. De um outro ao outro – O seminário – livro 16, 1968.

_____. Mais, ainda – O seminário – livro 20. Jorge Zahar, 1975, p.124, p.190-199.

VIDAL, Eduardo. A construção do fantasma. 1, 2, 3, 4. In: Revista da Letra Freudiana. Ano 12, n.14, 1993. p.100.